

CARTA ABERTA A BILLY GRAHAM

Remetente: Ernest T. Campbell

Pastor efetivo da Riverside Church,
Nova Iorque.

“...os cristãos estão gradativamente se situando em dois campos, sem levarem em conta denominação ou tradição. Num deles estão aqueles que vêem a vida religiosa centralizada numa experiência pessoal de Deus, que se expressa em atos de devoção privada ou coletiva e atos individuais de caridade. De outro, estão aqueles que vêem a vida religiosa como alguma coisa que extravasa o aspecto pessoal, para incluir ação coletiva responsável nos aspectos da sociedade em que a justiça está sendo frustrada.”

Prezado Dr. Graham,

Saudações em nome de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Escrevo-lhe como companheiro seu na pregação do Evangelho, expressando-lhe muito mais respeito pelo trabalho a que se dedica do que o senhor poderia a princípio imaginar. Iniciei-me dentro da tradição teológica que lhe é cara e, em busca de instrução, nós dois freqüentamos a mesma instituição — embora em épocas diferentes. Encontramo-nos há mais de vinte anos, nas montanhas Pocono da Pensilvânia, e temos numerosos amigos em comum — entre eles, seu eficiente membro do coro, Cliff Barrows.

Através de minha própria e modesta experiência, conheço as duras tensões e

pressões que acompanham o ministério itinerante e congratulo-o por sua resistência e integridade física. O senhor tem carregado com humildade as honras e apreço que sobrevieram em seu caminho e, seu zelo e responsabilidade continuam tão fortes como no início de sua carreira. Muitas vezes invejei seu autocontrole em situações delicadas, assim como sua aptidão em lidar habilmente com jornalistas e repórteres de posições neutras ou hostis.

O motivo imediato para esta carta-aberta é a falta de resposta a um telegrama que foi enviado a seu endereço em Montreat, na Nova Carolina, no dia 20 de dezembro de 1973, pelo Rev. Dr. Henry W. Andersen, na qualidade de Presidente do Key'73, da área de Chicago.

Dr. Andersen é o ilustre pastor da Primeira Igreja Presbiteriana de La-Grange, em Illinois, e fez-me conhecer o texto integral de seu telegrama, que foi reproduzido parcialmente no New York Times de 23 de dezembro. O texto na íntegra diz o seguinte:

Prezado Dr. Graham:

Enviei telegramas ao presidente Nixon nos quais deplorava o bombardeio ilimitado que os Estados Unidos estão impondo ao Vietnã.

Minha voz de nada vale perante o presidente, mas o senhor tem mais acesso a ele do que qualquer outro ministro de Deus. Se o senhor deplorar também esse bombardeio, rogo-lhe que levante seu clamor como profeta, como o velho Natã, e proteste perante o presidente, implorando-lhe que cesse os bombardeios imediatamente.

Em qualquer circunstância, o ato de bombardeio é desprezível — mas aumentá-lo sem limites no momento em que “a paz está a nosso alcance” e jogar as vietnamitas de joelhos, matando milhares delas em nome da paz, apenas para fazer as coisas de nosso modo, é fato degradante.

(Assinado) **Dr. Henry W. Andersen**
Chicago Land Key'73, presidente

É muito conhecida sua amizade duradoura com Richard Nixon, assim como apoio público que o senhor deu à sua candidatura para a reeleição no posto de presidente. Não há nada demais nisso. O presidente tem amigos que apoiam sua candidatura. Todo cidadão tem o direito de apoiar o candidato de sua escolha.

No entanto, a falta de resposta ao telegrama do Dr. Andersen chama a atenção para o ministério do privilégio. Segundo as Escrituras “a quem muito se deu muito será exigido”. A maioria das pessoas neste país, leigos ou não, se assemelham às estradas: somos pessoas de “acesso limitado”. Pela providência de Deus, o senhor foi contemplado com acesso amplo aos círculos restritos que desen-

volem e executam a política nacional. Como uma das “vozes próximas” à distância de ouvido do trono, e certamente recai sobre o senhor a responsabilidade de criticar a política do governo, assim como de abançoa-la. O presidente precisa de um Miquéias e não de um Zedequias, precisa de um profeta e não de um mero capelão doméstico.

O que devemos concluir de seu silêncio em relação ao pedido do Dr. Andersen? Nós, pastores de congregações locais, vimos a tristeza de coração com que nossa gente celebrou o Natal, este ano. E não poderia ser de outra forma, visto que, por ordem presidencial, as missões de bombardeio haviam recomeçado sobre o Vietnã do Norte, no momento em que as negociações de paz encontravam um obstáculo, em Paris. Sinos de Natal e missões de bombardeios B52 fazem uma mistura difícil de engolir.

O que devemos concluir de seu silêncio? Há pelo menos cinco possibilidades:

1. O senhor não recebeu a mensagem;
Se for esse o caso, ainda há tempo para resposta.

2. O senhor recebeu a mensagem e empreendeu esforços não noticiados para influenciar o presidente no sentido de cessar os bombardeios;

Se foi esse o caso, é crucialmente importante para a integridade religiosa deste país, que seus esforços sejam divulgados. Uma vez que seus pontos de concordância com a atual administração são amplamente conhecidos, também deveriam igualmente ser divulgadas suas áreas de desacordo, com o intuito de dar ao povo americano um quadro exato de seu relacionamento com o poder presidencial.

3. O senhor recebeu a mensagem e não concordou com a torturante avaliação dos bombardeios;

Neste caso, gostaríamos que o senhor partilhasse conosco seu modo de pensar, para alívio de nossas almas torturadas e indignadas. Se o senhor tiver uma palavra de justificativa, deve manifestá-la a seus preocupados compatriotas.

4. O senhor recebeu a mensagem e concorda com sua idéia geral, mas teme

que qualquer declaração direta que faça possa deteriorar suas conexões com o Poder;

Neste caso, diríamos respeitosamente que é alto demais o preço de sua "intimidade" com os poderes que aí estão. Até que ponto deve a amizade com o mundo implicar na inimizade com Deus?

5. O senhor recebeu a mensagem, simpatizou com seu sentido básico, mas sentiu falta de uma sistemática teológica para se expressar.

Neste caso, faríamos votos para que o senhor pudesse descobrir novamente a riqueza e severidade da tradição profética registrada nas Escrituras. Através dos tempos, os evangelistas têm ficado conhecidos pela habilidade com que investem rigorosamente contra pecados pessoais e a inabilidade (com poucas e notáveis exceções) em se pronunciarem em assuntos de moralidade pública e bem comum. Não existe nenhuma explicação segura, teológica ou não, para que assim seja. A seleção de assuntos a serem silenciados prejudica a causa de Cristo.

O referido telegrama foi enviado por um irmão responsável em Cristo, em nome de uma organização responsável de homens de igreja, que acreditam profundamente no evangelismo. Além do mais, aqueles que despacharam a mensagem representam milhares de pessoas pelo país afora em busca de uma forma de evangelismo que tenha como alvo alguma coisa mais do que o rejuvenescimento interior de homens e mulheres, individualmente. Querem um evangelismo que atinja a totalidade da vida.

Isto, quanto ao motivo imediato que provocou esta carta-aberta. Agora vou adiantar-me e referir-me a um problema paralelo, nascido de uma reflexão mais profunda acerca de posições assumidas há longa data. É algo relacionado com a natureza essencial da religião bíblica.

Neste país, parece-me que os cristãos estão gradativamente se situando em dois campos sem levarem em conta denominação ou tradição. Num deles estão aqueles que vêem a vida religiosa centralizada numa experiência pessoal de Deus, que se expressa em atos de devo-

ção privada ou coletiva e atos individuais de caridade. Do outro, estão aqueles que vêem a vida religiosa como alguma coisa que extravasa o aspecto pessoal, para incluir ação coletiva responsável nos aspectos da sociedade em que a justiça está sendo frustrada.

Neste ponto, torna-se necessário refletir a respeito do sentido da História. Aqueles que interpretam a nova vida em Cristo em termos estritamente pessoais, na realidade estão afirmando que a História, em si, não tem nenhum valor, sendo apenas útil na medida em que fornece oportunidade para que a alma se aproxime de Deus. Para estes, a História consiste num invólucro removível, que dificilmente teria algum valor. Injustiças econômicas, discriminação racial, desemprego, guerra, moradia para os pobres, prioridades nacionais questionáveis, etc., não são preocupações legítimas da fé. A salvação não impele o homem para dentro da História mas ajuda-o suportá-la até que ele ingresse numa vida mais ampla, no céu.

Quer queira, quer não, é assim, em linhas gerais, que a sua posição se define para pessoas, como eu, que o estão olhando de fora. Se não estiver sendo justo na caracterização de seus pontos de vista, receberia de bom grado suas correções. Se estiver fazendo uma apreciação honesta e razoável de suas posições, gostaria de levar ao seu conhecimento os seguintes itens:

1. O Espírito Santo que anima os crentes é o mesmo Espírito que deu sopro de vida à criação. De que modo, qualquer coisa dentro da ordem criada (isto é, a História) pode estar "fora dos limites" para alguém que tem o Espírito em seu coração?

2. A História pode ser passageira e ambígua, mas a religião bíblica a leva muito a sério. Deus é o Senhor da História. Cristo entrou na História. Desde o início, os cristãos têm orado para que a vontade de Deus seja feita na terra, assim como no céu. No fim dos tempos, procuraremos por um novo céu e uma nova terra. As melhores horas da Igreja soaram em ocasiões em que os crentes

se entregaram à tarefa de combater o mal entrincheirado, contra aberrações de longa data. Como se pode menosprezar o valor da História e ser coerente com a revelação bíblica?

3. Aqueles que negam a ação social como atividade própria da fé cristã tornam-se advogados complacentes ou não do *status quo*. Qual o significado dessa atitude para grupos minoritários e povos oprimidos, para os quais o *status quo* é uma fonte de dor e de privação?

4. "Christianity Today", em seu número de 22 de dezembro de 1972 afirma ter o senhor dito que o presidente Nixon "porá muito mais ênfase em assuntos morais e espirituais" em seu segundo período de governo, porque ele acredita "que o maior problema que enfrentamos hoje em dia é a indulgência e decadência moral". Será que o termo "moral" se refere exclusivamente a assuntos de honestidade pessoal, ou relaciona-se igualmente com provocação de guerras, gasto de verbas públicas, processos por justiça nas cortes, abolição da discriminação racial, reforma de impostos e outros pontos que afetam as estruturas sob as quais vivemos como uma nação?

5. Se encararmos a vida religiosa como uma transação pessoal com Deus, como poderemos entender os pronunciamentos sociais dos profetas, o *Magnificat* de Maria, a citação que Jesus fez de Isaías, quando inaugurou seu ministério em Nazaré e a visão do julgamento final em Mateus 25, em que a questão de "conhecer a Cristo" é decidida em termos de identificação com os famintos, sedentos, nus, doentes e prisioneiros?

O prestígio de que o senhor goza lhe confere a oportunidade única de dar dimensões dramáticas a um tipo de evangelismo que tanto pode valer para confrontar homens e mulheres com as exigências do Evangelho, como para chamar a nação a um novo tipo de fidelidade ao direito social. Trabalhadores migrantes, famílias atendidas pela previdência social, presos, escolares em guetos, índios americanos e muitos outras pessoas ficariam encorajadas em tê-lo como defensor. Tendo em vista o tipo de mundo

em que vivemos, a recusa de militância por parte dos cristãos dá fundamento à acusação de termos uma fé irrelevante.

O Evangelho precisa de ser inteligível para a nossa sociedade. Porém, também se poderá dizer que ele precisa muito de se incarnar na nossa sociedade na pessoa daqueles que desejam usar suas forças para a defesa dos fracos. A Palavra que se fez carne não deveria tornar-se novamente numa simples palavra.

Os dois campos a que nos referimos anteriormente são reais, mas não devem ser aceitos como se já representassem posições permanentes. Na realidade, um dos sinais encorajadores que percebemos no horizonte consiste na movimentação perceptível em ambos os lados. Aqui e lá, os evangélicos estão desenvolvendo atividades inspiradas por uma consciência social perplexa; outros, que têm labutado pela reforma da sociedade, estão descobrindo de novo a importância da confiança pessoal em Deus.

Key73 representa uma grande oportunidade para que os cristãos deste país possam entender o Evangelho. Pode igualmente contribuir para um cerrar de fileiras e ser o início de um esforço crescente para se chamar esta nação a uma profundidade sem precedentes em questão de fé e de obediência. Uma nova concepção de evangelismo está se esforçando por nascer. Podemos contribuir para apressar seu aparecimento.

Junto com esta carta, segue um convite para pregar na Riverside Church, em resposta a estes pontos e questões. Tomaremos todas as providências para haver oportunidade de discussão e troca de idéias. Apenas necessitamos de seu consentimento e de tempo suficiente.

Sei que receberá esta carta com o mesmo espírito com que ela foi enviada — o espírito de abertura e de busca genuína.

Os desafios são imensos. O tempo é curto. A nação está gravemente dividida. Será que não existe bálsamo em Gilead? Por que, então, o nosso povo não recobra a saúde?

Sinceramente,

Dr. Ernest T. Campbell